

A ADAPTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE DO CORPO GORDO EM DUMPLIN'

Gabriella do Lago GARCIA¹

Sarah Batista CARNEIRO²

Marcus Dickson de Oliveira CORREA³

RESUMO

A partir dos estudos sobre o corpo, desenvolvidos por Naomi Wolf (2019) e Ana Maria Colling (2015), o objetivo do trabalho foi de analisar o corpo gordo na adaptação da obra cinematográfica *Dumplin'* (2018) e em como ele é retratado na sétima arte. O artigo foi fundamentado na metodologia de estudo de caso que através do questionário, *Dumplin'* e *o corpo gordo nos filmes*, pôde apurar a visão contemporânea dos entrevistados sobre a temática. Por meio da análise de conteúdo do filme abordamos alguns conceitos da Escola de Frankfurt (1924-1950), atravessamos a era pós-moderna até a hipermodernidade, baseando-nos nos conceitos de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2004) e utilizamos os estudos de Henry Jenkins (2009) sobre a convergência midiática e a transmídia, uma vez que o objeto de estudo passou por uma adaptação por meio do trânsito de conteúdo.

Palavras-chave: Corpo gordo. Adaptação cinematográfica. Transmídia. Representatividade. *Dumplin'*.

.

¹ Acadêmica do Curso de Comunicação social - Habilitação em Jornalismo – Faculdade Estácio do Pará. E-mail: gabriellalagog@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Comunicação social - Habilitação em Jornalismo – Faculdade Estácio do Pará. E-mail: sarahcarneiro7@gmail.com

³ Professor orientador, mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM-UFPa), Professor do Curso de Comunicação social - Habilitação em Jornalismo – Faculdade Estácio do Pará. E-mail: marcus.correa@estacio.br

INTRODUÇÃO

Assistir produções cinematográficas norte-americanas faz parte da vida de muitas pessoas, principalmente quando se é criança e a diversão da tarde é ligar a televisão e procurar algo para ver e uma das opções é a Sessão da Tarde⁴, programa exibido pela Rede Globo desde 1974. Pelo menos era isso que nós duas, Gabriella e Sarah, fazíamos nas tardes livres quando mais novas.

Hoje em dia existem muitas outras opções que estão disponíveis para o entretenimento de todos, seja na televisão aberta, nos canais por assinatura ou em aplicativos de *streaming*. Essas novas formas de lazer, incluindo a possibilidade de fazer download de títulos para assistirem *offline* em seu trajeto diário, facilitaram a vida de muitas pessoas, pois agora elas têm a oportunidade de escolher o que assistir no momento em que for mais conveniente. A *Netflix*, inclusive, fez uma pesquisa sobre o comportamento do consumidor⁵ e mostrou que 67% de seus clientes assistem às produções em público, seja no transporte público, no bar ou até mesmo na porta de casa. No entanto, independentemente do que a gente escolhe assistir, notamos um padrão em alguns filmes e séries produzidas lá fora.

Mas o que seria esse padrão ao qual nos referimos? Tudo começa pela falta de representatividade do corpo gordo que nós duas sentimos ao assistir filmes e séries. Ao longo dos anos vimos diversas produções cinematográficas baseadas em livros que notadamente investiam na questão de personagens fora de um padrão estético de beleza, mas quando traduzidos para o mercado cinematográfico, ficava muito diferente. Uma personagem gorda que agora era magra, ou um ator branco fazendo papel de um asiático. Percebemos que em muitos filmes clássicos as

⁴ Matéria fala sobre maior audiência da Sessão da Tarde depois de sete anos e conta um pouco sobre o quadro da Rede Globo que iniciou ainda na década de 1970. Disponível <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/05/com-isolamento-social-sessao-da-tarde-registra-maior-audiencia-dos-ultimos-sete-anos>> Acessado em 27/09/2020.

⁵ Reportagem sobre comportamento do consumidor da Netflix. Disponível <<https://plugcitarios.com/blog/2017/11/20/netflix-divulga-pesquisa-comportamento-consumidor/>> Acessado em 27/09/2020.



personagens principais são mulheres com cinturas tão finas como as da boneca *Barbie* e que isso acaba machucando a imagem que temos de nosso próprio corpo.

De acordo com Jill Barad, ex-CEO da MATTEL no documentário *The Toys That Made Us*, produzido pela *Netflix* em 2017, afirma que a boneca *Barbie* é apenas isso, uma boneca e completa falando que ela jamais foi planejada para representar o corpo humano. No entanto, no mesmo documentário é mostrado que o co-autor da boneca, Jack Ryan, viu a oportunidade de criar a “mulher perfeita”. Já em 1965, os criadores da *Barbie* divulgaram um conjunto com roupas e outros acessórios para a boneca e “Festa do Pijama” foi lançado com um roupão, um pijama e itens extras: uma balança que só ia até 50 kg (110lb) e um livro intitulado “Como perder peso” que tem na contracapa uma frase imperativa “Não coma!”, como mostrado na imagem a seguir.

Figura 1: Imagem do livro que vinha no conjunto Festa do Pijama da *Barbie* em 1965.



Fonte: Facebook.

Percebemos que, em sua maioria, as atrizes escaladas para papéis principais e/ou importantes, são mulheres que estão dentro do ideal de beleza do ramo: magras, predominantemente brancas e com traços “delicados”, dignos de bonecas de porcelana, inclusive sendo questionado⁶ por algumas atrizes e personalidades, e trazido à tona na publicação⁷ da jornalista e editora digital da revista *Claudia*, Ana Claudia Paixão, onde diz que “Não sou robô e vejo o algoritmo persistente de que o

⁶ Declaração de atrizes e outras personalidades estadunidenses que se recusaram a aceitar a ditadura da beleza. Disponível em <<https://revistamonet.globo.com/Listas/noticia/2017/07/celebridades-que-se-recusaram-aceitar-ditadura-da-beleza-de-hollywood.html>> Acessado em 05/10/2020.

⁷ Matéria “O algoritmo de Hollywood fala muito sobre padrões inalterados”. Disponível em <<https://claudia.abril.com.br/blog/ana-claudia-paixao-hollywood-cinema-series/o-algoritmo-de-hollywood-fala-muito-sobre-padroes-inalterados/>> Acessado em 05/10/2020.

discurso de igualdade existe, mas a seleção subjetiva permanece a mesma” e a jornalista ainda completa com a frase: “o cenário ainda é esse: mulheres em Hollywood são jovens, magras e com traços finos”.

A partir da definição do *Oxford Languages* retiradas do Google, adaptações são ações ou efeitos de adaptar-se, de ajustar uma coisa à outra, adequar-se ou até mesmo de se encaixar, com isso, notamos que tais ajustes para a mídia televisiva e para a sétima arte costumam escalar atrizes que diferem das personagens descritas em obras originais, como, por exemplo, na série *Marvel's Runaways*, a personagem Gert é caracterizada nas HQ's da Marvel como uma menina de 15 anos que é gorda, feminista e com cabelo roxo. Mas o que vemos na produção da rede de televisão e *streaming*, *Hulu*, apesar da peruca colorida e os trejeitos parecidos com os do quadrinho, a atriz escalada para a série era magra, apenas usava diversas camadas de roupa para que parecesse “maior”, como mostrado na figura abaixo.

Figura 2: Ariela Barer, atriz que interpreta Gert na série *Runaways* e ao lado, a personagem da HQ.



Fonte: Pinterest.

Se voltarmos para o início da década de 2000 quando ainda não tínhamos diversas plataformas de *streaming* e as videolocadoras eram o auge da época para quem estava cansado dos filmes da Sessão da Tarde ou Temperatura Máxima, tivemos a estreia de *O Amor É Cego* (*Shallow Hal*, 2001). No filme vemos a história de um homem que precisa ser hipnotizado para conseguir enxergar a bondade, sinceridade e outras boas qualidades nas pessoas “feias” e apenas assim Hal, interpretado por Jack Black, conhece Gwyneth Paltrow no papel de Rosemary. Ao final

do filme, quando Hal descobre a verdadeira imagem de Rosemary, uma mulher gorda, ele não quer mais se relacionar com ela por causa da sua imagem.

Tais divergências ocorrem entre as obras originais e suas adaptações, especialmente influenciadas pela indústria da beleza. As produções apresentadas nos parágrafos acima são alguns exemplos que nos ajudam a entender o foco principal desse estudo que tem como objetivo analisar o filme *Dumplin'*, baseado na obra da autora Julie Murphy, e falar sobre o corpo gordo e a forma que ele é reproduzido na sétima arte.

Para que possamos estudar o objeto, faremos uma trajetória desde a Escola de Frankfurt à Hipermodernidade, onde entenderemos as relações de consumo e a imposição dos padrões de beleza. Com base em conceitos da cultura da convergência, analisaremos a adaptação de *Dumplin'* através de conceitos transmidiáticos.

METODOLOGIA

Neste artigo, a partir do estudo de caso, analisamos o corpo gordo reproduzido na obra cinematográfica *Dumplin'*, relacionando com outros exemplos de produções que também apresentam a mesma temática.

No prefácio do livro de Robert Yin, *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2001) o autor apresenta essa metodologia de pesquisa onde muitas das vezes fora denominada como o “parente pobre” e que pesquisadores que a utilizam são classificados quase como desalinhados da real importância e valor do estudo de caso.

Levando em conta a explicação da socióloga Jennifer Platt, o autor apresenta duas lógicas de planejamento para o estudo de caso: a investigação empírica e a investigação do estudo de caso, logo, a apuração de um acontecimento atual dentro da nossa vivência social e posteriormente o enfrentamento de situações, tecnicamente únicas, onde haverá, conforme Yin (2001, p.32), “[...]mais variáveis de interesse do que pontos de dados[...]”, respectivamente. Seguindo essa compreensão a metodologia do estudo de caso é vista como uma estratégia de pesquisa que engloba um todo, e não apenas como uma técnica de coleta e análise de dados.



Para Robert Yin o estudo de caso busca resposta de como e por que, abordando assuntos contemporâneos que afetam a vida real e usando múltiplas fontes para obter entendimento integral dos fenômenos, assim sendo um estudo intenso e detalhado. Utilizando a ferramenta conceituada por Bauer e Gaskell (2000), análise de conteúdo é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada. Então, a partir destas técnicas metodológicas conseguiremos explorar obras como histórias em quadrinhos, produções cinematográficas, levando em conta questões estéticas e até distúrbios alimentares.

A coleta desses dados foi realizada através de um questionário com quatro perguntas para que pudéssemos compreender o entendimento das pessoas que assistiram a adaptação cinematográfica de *Dumplin'* sobre o corpo gordo, e ainda reunir respostas de como personagens gordos são representados no entendimento e vivência de cada um. Também nos propusemos em comentar algumas produções que serão apresentadas como exemplo no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, como Gert, uma personagem da história em quadrinhos da Marvel, Hermione Granger, do clássico *Harry Potter*, o filme *Sierra Burgess is a Loser* entre outros.

Para analisar o filme e os resultados do questionário, nos baseamos nos estudos de Naomi Wolf(2019) e Ana Maria Colling(2015), sobre o corpo. Abordamos características pós-modernas, citamos alguns pontos da era hipermoderna e sociedade de consumo de Gilles Lipovetsky(2000) e debatemos sobre a convergência midiática e transmídia, ambas teorias de Henry Jenkins(2019).

HISTÓRIA DO CORPO

A partir do entendimento da Escola de Frankfurt (1924-1950), teoria desenvolvida por Adorno e Horkheimer(SENA, 2017) sobre indústria cultural em que os teóricos faziam uma crítica social sobre como o capitalismo levava a sociedade ao consumo em massa. Nesse estudo, Adorno e Horkheimer criticavam duramente a industrialização da cultura, resultando na perda do seu valor, o que levaria, segundo Lipovestky (2012) a uma sociedade baseada no consumo exagerado em que “a



beleza não é mais uma questão pessoal, porque já faz parte plenamente da economia capitalista”.

Sabemos como a indústria da beleza é influenciadora em diversos segmentos seja na moda, na televisão e, principalmente na internet, porém não podemos descartar o papel importante que a cultura possui sobre nós mulheres e nossos corpos, pois ela também contribui para a construção de um ideal, enfatizando partes do corpo em relação a outras, criando assim um “modelo” a ser seguido pelas demais. Por isso, os padrões de beleza, trejeitos e até de postura são impostos na sociedade, principalmente nas mulheres, há séculos.

A magreza como matéria-prima instável das novas identidades corporais foi-se impondo como norma, e a gordura teve de ser queimada, *derretida*, apontando a necessidade de adaptar-se, ser flexível e acompanhar a precisão de reajuste do corpo. Esse novo padrão de corpo, que foi-se configurando e afirmando como verdadeiro ao longo do século passado, intensificou a participação das mulheres na prática de esportes, não só em busca de um corpo em forma e mais saudável, mas também, em busca de novos espaços de convivência e de sociabilidade. (ANDRADE, 2003, p. 129 e 130)

A beleza “padronizada” e sua indústria alimentam um comportamento destrutivo em várias mulheres ao redor do mundo. O corpo feminino nem sempre foi parte de uma indústria, apesar de sempre ter sido alvo de imposição de ideais e funções e de acordo com Lipovetsky:

É por isso que a sociedade transestética aumenta inevitavelmente a sensação de enfeamento do mundo: quanto mais belezas sensíveis, estilos, espetáculos, mais se desenvolvem as decepções, as rejeições, as detestações relacionadas a um número crescente de produtos culturais. (LIPOVETSKY, 2015, p. 25)

Como colocado em discussão no artigo de Ana Maria Colling (2015), na Grécia Antiga, o corpo que era “propriedade” do Estado era o masculino, pela proporcionalidade do corpo do homem em ser viril, atlético e saudável. Já o corpo feminino não entrava nessa categoria e as mulheres gregas deveriam sempre estar cobertas. Segundo Aristóteles, filósofo grego clássico, em sua analogia sobre as diferenças entre macho e fêmea, ressalta uma inferioridade feminina em relação ao macho. No livro *Das Partes dos Animais*, destacou que o cérebro de uma fêmea certamente é menor que o do macho em:



Entre os animais, é o homem que tem o cérebro maior, proporcionalmente ao seu tamanho, e, nos homens, os machos têm o cérebro mais volumoso que as fêmeas. (...) São os machos que têm o maior número de suturas na cabeça, e o homem tem mais do que a mulher, sempre pela mesma razão, para que esta zona respire facilmente, sobretudo o cérebro, que é maior (ARISTÓTELES, 1957, p. 41 apud COLLING, 2015, p. 186)

O corpo da mulher avançou na história sendo desvalorizado⁸, visto que já na Idade Média, com a ascensão do cristianismo e do discurso religioso, além da inferioridade “natural” do corpo feminino, fora imposto um olhar pecaminoso sobre a mulher, pois era usado um discurso com base na desobediência de Eva no Jardim do Éden. A união da Igreja e Monarquia fez com que os valores morais e uma nova percepção de corpo fossem mais rigorosos.

Nessa época, as mulheres eram perseguidas e nomeadas bruxas⁹, por estarem diretamente ligadas à sexualidade, portanto levando homens “corretos” a cometer pecados. Mulheres que não andavam dentro do campo da moral e dos costumes da época sofriam retaliação do povo, por estarem se aproximando do “maligno” e da “magia”, uma das razões da caça às bruxas que ocorreu entre os séculos XVI e XVII, e as parteiras também eram alvo por entenderem sobre o corpo e a sexualidade.

Conforme as características e costumes desse período, o olhar sobre o corpo feminino foi sofrendo ainda mais com estigmas. Segundo Barbosa, Matos & Costa (2011, p. 27) no Renascimento e com as descobertas científicas, alguns tabus sobre o corpo humano deixaram de existir: houve a quebra do corpo e alma como algo único. O corpo passou a ser atrelado à razão, assim, com a sociedade feudal, a mulher também trabalhava na agricultura. Já as mulheres que pertenciam à nobreza eram impostas a casamentos arranjados, ter herdeiros e exercer um papel de exemplo para a sociedade, entretanto essa mesma imposição não era feita aos maridos, muitas vezes sendo infiéis no matrimônio.

8 Matéria sobre a desvalorização do corpo feminino no Brasil. Disponível em <<https://araretamaumamulher.blogs.sapo.pt/tag/a+desvaloriza%C3%A7%C3%A3o+da+mulher>> Acessado em 28/09/2020.

9 Matéria “Inquisição, idade moderna e as bruxas: as mulheres em chamas”. Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/inquisicao-idade-moderna-e-as-bruxas-as-mulheres-em-chamas/>> Acessado em 23/11/2020.

Atualmente, o corpo feminino virou um produto das massas em diferentes escalas, por exemplo, na Coreia do Sul se encontra a maior incidência¹⁰ de cirurgias plásticas faciais, e não apenas intervenções cirúrgicas, mas tendo inclusive diversos produtos e objetos que são vendidos internacionalmente para que o novo “padrão asiático” seja reproduzido por diversas outras mulheres ao redor do mundo. Já no Brasil as cirurgias geralmente são focadas no torso, como silicone nos seios e lipoaspiração. Até mesmo, adolescentes que ainda não completaram seu desenvolvimento buscam pelo “corpo perfeito”¹¹.

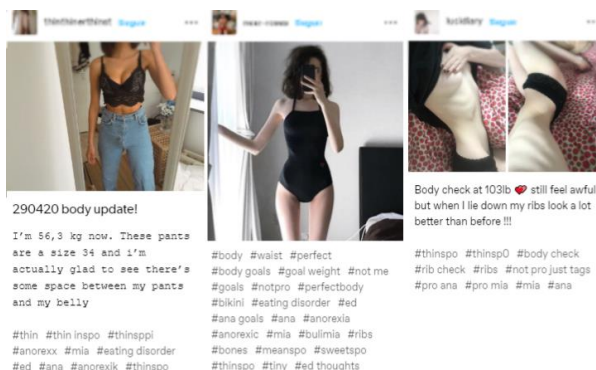
Além de cirurgias plásticas e procedimentos estéticos como ditadores e reguladores da beleza feminina, a busca pela magreza é cada vez mais estampada em capas de revista, jornais, programas de televisão e desfiles de moda. Doenças como bulimia e anorexia estão em pauta constantemente na sociedade.

Na adolescência de muitas mulheres como na das autoras, que tinham conta ou acessavam diariamente o website *Tumblr*, era comum ver publicações sobre a “mia” e a “ana”, apelidos para bulimia e anorexia, respectivamente. As *hashtags* do website reúnem diversas postagens de meninas com os distúrbios alimentares, que mostram publicamente o corpo na evolução das doenças, buscando a magreza extrema até “desaparecer”, tudo de maneira aberta e considerada comum entre alguns internautas.

10 Reportagem sobre a quantidade de cirurgias plásticas realizadas na Coreia do Sul. Disponível <https://www.huffpostbrasil.com/entry/korea-plastic-surgery_l_5d72afb0e4b07521022c00e1> Acessado em 29/04/2020.

11 Matéria “Cirurgias plásticas em adolescente crescem 141% nos últimos dez anos”. Disponível em <<https://www.anahp.com.br/noticias/noticias-do-mercado/cirurgias-plasticas-em-adolescentes-crescem-141-nos-ultimos-dez-anos/>> Acessado em 03/11/2020.

Figura 3: Captura de tela das hashtags ‘ana’ e ‘mia’.



Fonte: Tumblr.

A seita de perda do peso recruta mulheres desde cedo e os distúrbios da nutrição são seu legado. Anorexia e bulimia são doenças do sexo feminino. Noventa a 95% dos casos são mulheres. (...) Associação Americana de Bulimia e Anorexia declara que essas duas condições atacam um milhão de americanas a cada ano; e que 30.000 também estão viciadas no uso de eméticos¹². (WOLF, 2019, p. 240).

Apesar de existirem diversas informações sobre como essas doenças são perigosas, inclusive sendo reproduzida no filme *To The Bone*, da *Netflix*, a atriz Lily Collins, que faz o papel principal no filme e que já teve distúrbios alimentares na vida pessoal, declarou¹³ que foi elogiada pela magreza extrema enquanto se preparava para as filmagens do longa-metragem.

Embora os distúrbios alimentares sejam frequentemente abordados em programas de televisão, revistas e até entre rodas de amigos, as publicações de “inspiração” apresentadas acima ainda são encontradas facilmente atualmente, mostrando que os problemas de aceitação do corpo que mulheres enfrentam ainda são muito pertinentes.

¹² Termo utilizado para medicamentos ou recursos destinados a indução de vômito.

¹³ Entrevista concedida a revista *The Edit* e adaptada para a publicação do website M de Mulher. Disponível em <<https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/lily-collins-emagrece-para-viver-anorexica-e-recebe-elogios/>>. Acessado em 22/04/2020.



PÓS-MODERNISMO E HIPERMODERNISMO: INDÚSTRIA CULTURAL, INDIVIDUALIZAÇÃO E A ERA TRANSESTÉTICA

Pós-modernismo é uma reação à modernidade, pois tenta quebrar, ou até amenizar a tradicionalidade. Refere-se as transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas com o avanço tecnológico. Uma das características da era pós-moderna é a padronização de produtos e massificação do consumo, base da Escola de Frankfurt (1924-1950), que também criticava a industrialização da cultura, pois entendia que cultura se tornou um produto a partir dos ideais de consumo capitalista. Na época os principais teóricos, Adorno e Horkheimer (SENA, 2017), usaram os termos para diferenciar a indústria cultural da indústria de massa, mas atualmente, segundo a fala já citada de Lipovetsky, a beleza já faz parte de uma economia capitalista, ou seja, virou uma mercadoria que é produzida e massificada, como debatido na obra *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo* (2015), de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2004).

A hipermodernidade, segundo Lipovetsky e Jean Serroy (2004), é caracterizada pelo “hiper”: hiperconsumo e hipernascisimo. A sociedade do consumo se exhibe sob símbolo do excesso e da abundância. Com o avanço da tecnologia, houve uma expansão no fluxo de consumo com a quantidade de programas de televisão, websites na internet e aplicativos para celular, alterando o comportamento do indivíduo moderno.

A mídia na hipermodernidade constitui papel de influência da sociedade, apesar de não ter poder de massificação ilimitada, uma vez que a sociedade do consumo exige uma lógica do excesso, do espetacular, do “superficial” para seduzir e entreter o público. Lipovetsky e Serroy (2004) afirma que a mídia é tomada pela lógica hipermoderna e pode favorecer tanto comportamentos responsáveis quanto irresponsáveis.

A partir desse novo modelo de sociedade é criada então uma sociedade do consumo, conforme Colin Campbell em “Eu compro, logo sei que existo: as bases da metafísica do consumo moderno” (2006), com características individualistas, enraizado no “eu” (*self*), desejando usufruir do que está momentaneamente na moda, atualmente.



No filme *Dumplin'*, a personagem está inserida em uma comunidade influenciada pelo concurso de beleza *Miss Teen Blue Bonnet Pageant*, no qual movimenta a sociedade, economia e cultura, uma vez que os moradores da cidade fictícia trabalham e vivem em prol do concurso, caracterizando assim uma sociedade do consumo.

A afirmação do sociólogo Campbell está ligada diretamente com características hipermodernas, uma vez que essa teoria é uma continuidade da pós-modernidade. O estudo de Gilles Lipovetsky aborda a “hiperindividualização” do ser, e afirmou em entrevista para a Folha de São Paulo que:

A religião, a comunidade, a política. Os deuses são os homens. O indivíduo é um agente autônomo que deve gerenciar a própria existência. Esse indivíduo pode fazer escolhas privadas – que profissão seguir, com quem casar, o que comprar – mas está submetido às regras da globalização econômica de eficácia, de produtividade, juventude, consumo. (CAMPBELL, 2006)

Para Lipovetsky a sociedade do consumo é excludente, pois não inclui todos os indivíduos na sua esteira, e o problema é justamente esse, a exclusão e não o consumo, ainda segundo o teórico “os jovens, por exemplo, adotam modas excludentes. Há, entre eles, uma verdadeira tirania de modelos. Quem não se encaixa, é rejeitado. Antes, a juventude seguia o modelo dos pais. Isso acabou” (LIPOVETSKY, 2000).

A era transestética pode ser considerada a quarta era de estetização do mundo, onde a mercantilização e individualização são extremas. De acordo com a professora Lúcia Leão e a artista Vanessa Lopes (2018, p. 5) “na era transestética, ocorre um fenômeno de estetização dos mercados de consumo e a arte se infiltra na indústria, no comércio e na busca por um estilo de vida”, onde a arte, cultura e criação não se opõem mais a massificação e industrialização de produtos e bens.

“É um universo de superabundância ou de inflação estética que se molda diante dos nossos olhos: um mundo transestético, uma espécie de hiperarte, em que a arte se infiltra nas indústrias, em todos os interstícios do comércio e da vida comum. O domínio do estilo e da emoção se converte ao regime híper: isso não quer dizer beleza perfeita e consumada, mas generalização das estratégias estéticas com finalidade mercantil em todos os setores das indústrias de consumo.” (LIPOVETSKY e SERROY, 2015, p. 20)



Dumplin' é um produto dessa mercantilização da arte que se infiltrou em grandes conglomerados industriais como a plataforma de *streaming Netflix*, que massificou e popularizou¹⁴ o consumo da sétima arte.

No filme Dumplin', onde uma adolescente gorda participa do concurso mais importante e famoso local a fim de desafiar o padrão estético imposto como regra de beleza na cidade, há a quebra do padrão de filmes norte-americanos de romances, dramas e comédias ao ter uma protagonista gorda e **não**-satírica, ao contrário do que vemos em *Missão madrinhas de casamento* (2011), *A escolha perfeita* (2012), *A espiã que sabia de menos* (2015), *Como ser solteira* (2016) e outros títulos do mesmo gênero. Mas o filme produzido pela *Netflix* leva à sociedade do consumo a uma nova realidade, um novo "estereótipo", onde a comunidade acompanha o que está na "moda", resultando em oportunidades para produções com mais representatividade para personagens gordos, homossexuais, negros e outras nacionalidades, como vimos o sucesso de *Pantera Negra* (2018), *Para todos os garotos que já amei* (2018), *O Sol também é uma estrela* (2019) e *Me chame pelo seu nome* (2018) que inclusive ganhou Oscar de melhor roteiro adaptado.

Apesar de mostrar o corpo gordo e ter um papel importante para quem assistiu ao filme, fazendo o espectador finalmente se sentir representado¹⁵, no entanto, vemos que essa realidade é apenas um simulacro, outra característica pós-moderna. Apesar de exibir uma vivência real, o filme foge da realidade, pois é apenas uma representação, e nas palavras da doutora em psicologia Neli Klix Freitas em seu artigo *Representação, Simulação, Simulacro e Imagem na Sociedade Contemporânea* (2013), "simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos. Quanto mais próximo estiver da realidade, do objeto, menos deixará de ser uma representação"(FREITAS, 335).

14 Matéria sobre a fidelização das plataformas de streaming no Brasil. Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/05/11/com-mais-assinantes-streamings-tem-desafio-da-fidelizacao.html>> Acessado em 03/11/2020.

15 Matéria da revista digital Hilda "*Dumplin': o acerto da Netflix e a representatividade da mulher gorda*". Disponível em <<https://www.revistahilda.com/post/dumplin-o-acerto-da-netflix-e-a-representatividade-da-mulher-gorda>> Acessado em 07/10/2020.



A ADAPTAÇÃO DE ACORDO COM O CONCEITO TRANSMIDIÁTICO DERIVADO DA CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA

Segundo Henry Jenkins (2009) a convergência refere-se ao fluxo de conteúdos por meio de suportes multimidiáticos e a colaboração entre esses meios midiáticos que chamam atenção do público para continuar a experiência em diferentes plataformas como redes sociais, blogs e aplicativos por meio dos dispositivos móveis.

“A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias. Entretenimento não é a única coisa que flui pelos múltiplos suportes midiáticos. Nossas vidas, relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia.” (JENKINS, 2009, p. 43)

Não devemos entender a convergência como um processo apenas tecnológico, uma vez que o autor apresenta a teoria como também uma transformação cultural enquanto os “consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2009, p. 28).

Conforme a teoria, na cultura da convergência nenhuma mídia é pensada para “matar” a outra, elas acabam se integrando e complementando pois tem caráter mercadológico na forma de produzir e consumir. É dividida em quatro definições, sendo elas a hipermídia, transmídia, multimídia e a crossmídia.

Neste trabalho estamos fazendo a análise de um produto transmidiático, uma vez que Dumplin’ é um livro escrito por Julie Murphy mas também transformou-se em um filme adaptado. Isso ocorre através do trânsito de conteúdo, característica da transmídia, onde um conteúdo ou produto que surge em um local (como o livro citado), chega em outro lugar (filme analisado aqui) de forma que os conteúdos se complementem.

O conceito de transmídia, segundo Henry Jenkins, é a utilização de múltiplos tipos de mídias, as quais se complementam de forma estratégica para a criação de uma variedade de conteúdos que se completam e englobam o mesmo universo, fazendo com que o público consumidor tenha a sensação de ter várias possibilidades a serem exploradas de um determinado produto.

“A narrativa transmidiática é a arte da criação de um universo. Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o



papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com as de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica.” (JENKINS, 2009, p.47)

Por esse motivo estudamos especialmente o filme *Dumplin'*, no entanto, não podemos deixar de citar outros exemplos como em *Marvel's Runaways*, a personagem Gert, citada anteriormente, na história em quadrinhos é uma personagem gorda, enquanto na adaptação para a série de televisão, a atriz escolhida é magra.

Na saga *Harry Potter*, a narrativa transmidiática proporciona experiências diferentes, o destaque vai para a mídia que abrange todos os sentidos levando uma experiência completa ao público no caso dos filmes. Hermione, uma das protagonistas da aventura mágica de J. K. Rowling, ficou conhecida com o rosto da atriz Emma Watson, mesmo que no livro, que é a obra original, não exista uma definição física para a personagem. Em outras adaptações da mesma história, como na peça de teatro *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*, a figura de Hermione muda, já que nessa adaptação a atriz é Noma Dumezweni, uma mulher negra de traços totalmente diferentes da atriz do filme.

Em ambos os casos, a interpretação de uma obra pode variar. Gert é pré-definida nos quadrinhos, e mesmo com desenhistas diferentes as características em destaque continuavam, mas no seriado houve uma quebra de continuidade do aspecto físico da personagem. Já a Hermione, as características destacadas no livro foram, em parte, seguidas apenas no primeiro filme da saga *Harry Potter*.

Essa quebra nas adaptações dos personagens causa debates entre os fãs desse universo. Há uma ruptura de expectativa, pois ao modificar a obra original em uma adaptação, o público já não consegue se identificar da mesma forma. Isso pode ser identificado em *hashtags* nas redes sociais, fóruns online de *fandoms*¹⁶ específicos e ocorre em plataformas de vídeo, como *Youtube*. No website *Tumblr*, antes da estreia da série *Marvel's Runaways*, fãs da história em quadrinhos comentavam, como

¹⁶ *Fandoms*, reino dos fãs, na tradução literal, são os grupos de fãs, que se reúnem, organizam eventos e encontros para que o artista ou personagem admirado seja o assunto principal.



mostrado na captura de tela abaixo¹⁷, sobre a personagem Gert ser magra na série, quebrando assim um alvo de identificação de muitas fãs da personagem.

Figura 4: Captura de tela de comentário de fã sobre Gert ser magra na série.



Fonte: Tumblr.

A HISTÓRIA DE WILLOWDEAN DICKSON

Dumplin' foi produzido pela Netflix em 2018 com direção de Anne Fletcher, escrito por Kristin Hahn, pertence ao gênero de comédia e drama e tem 95% de relevância no catálogo da plataforma de *streaming*.

A produção conta a história de Willowdean Dickson, interpretada por Danielle MacDonald, uma adolescente gorda moradora de Clover, no Texas, que através de um concurso de beleza tradicional da cidade, em qual sua mãe já foi vencedora e atualmente é organizadora, tenta criticar os padrões e regras “não escritas” do concurso para confrontar o apelido Dumplin que recebeu de sua mãe ainda criança e para tentar realizar o sonho de sua tia Lucy, que ajudou a criá-la e com quem ela se identificava, pois a mãe sempre ditou que para ser bonita era preciso ser magra e “bem cuidada”.

¹⁷ Tradução livre do comentário de fã da Figura 4: “Fizeram a Gert magra em Runaways? Já era ruim o fato que “congelaram” ela para um desenvolvimento de personagem do namorado magro e chato dela. Agora eles estão “embelezando” minha garota gorda favorita para o programa de TV. Estou com raiva. Muito Chateada.”



No decorrer do enredo vemos que a personagem principal não passa por nenhuma transformação visual absurda. Willowdean não perde peso, não muda o cabelo e não troca de estilo apenas para se encaixar no padrão do concurso, pelo contrário, continua com seu jeito desleixado de se vestir e se portar, considerado feio no filme.

A revolução das meninas que sofrem bullying, seja pelo peso ou orientação sexual, é criada a partir do momento da inscrição de Willowdean no concurso. As outras integrantes que decidem também participar do protesto da personagem principal e sua melhor amiga, são Hannah e Millie, uma personagem lésbica e uma gorda, respectivamente, mesmo que anteriormente as quatro não fizessem parte do mesmo grupo de amizade.

Em outro momento do filme, a personagem principal é chamada pela mãe pelo apelido pejorativo na frente de toda a escola e com isso começam vários comentários sobre seu peso, relacionado ao apelido de Dumplin'. Quando ela está nos corredores ainda escuta ofensas, mas só reage quando outra aluna, Millie, é insultada também por causa de seu peso, resultando em uma suspensão da escola e ela finalmente fala para a mãe que o apelido de Dumplin lhe incomoda, como mostrado abaixo:

Apesar do bullying retratado no filme esse não é o foco principal pelo qual a personagem enfrenta. Willowdean passa por uma aceitação do próprio corpo, mesmo que tenha sido criada com os ideais sobre não existir "corpo perfeito" que sua tia Lucy



Figura 5: Captura de tela do filme Dumplin' sobre como Willowdean não gosta do apelido dado pela mãe.



Fonte: Netflix.

ensinou, porém, todo esse ensinamento é abalado e questionado após a morte da tia, em quem ela confiava e se espelhava.

A história principal do filme começa seis meses após a morte de sua tia Lucy e Willowdean ainda sofre com o luto pela perda, além dos outros problemas com a mãe e da vida de adolescente no geral, sendo um deles o seu interesse romântico por um colega de trabalho, Bo. O rapaz demonstra interesse por ela, convidando-a para assistir a uma chuva de meteoros, ela aceita, mesmo achando que ele jamais teria interesse em “alguém como ela”. Quando se beijam, Bo vai abraçá-la e toca em suas costas, causando uma reação adversa de Willowdean, que se sente estranha em ter alguém tocando “suas gorduras”, mais uma vez questionando sua aceitação pelo seu corpo gordo.

A atriz Danielle MacDonald, que interpreta Willowdean no filme, é uma mulher gorda que não precisou emagrecer ou engordar para filmar Dumplin' e nem fazer uso

do “*fatsuit*”¹⁸ (enchimento do corpo gordo) que é utilizado em muitas outras produções como a já mencionada *O Amor É Cego* e com a série *Insatiable*.

DUMPLIN’ E O CORPO GORDO NOS FILMES

Para que pudéssemos compreender a importância de *Dumplin’* para as pessoas e a representatividade que o filme trouxe na vida delas, aplicamos o questionário *Dumplin’* e o corpo gordo nos filmes. Como já vimos ao longo do artigo, o corpo gordo vem gerando críticas e seguiu sendo desvalorizado na indústria da sétima arte, então, quando o filme foi lançado com uma personagem principal gorda, muitas pessoas se sentiram finalmente representadas.

Uma das críticas recentes sobre corpo gordo girou em torno da série *Insatiable*, mencionada anteriormente, que mostra gordofobia e incita o *bullying* com pessoas obesas. A produção ganhou fama pelas opiniões adversas¹⁹, pois a história da série gira em torno de uma adolescente que era gorda e sofria diferentes tipos de discriminação por isso, mas enfrentando uma internação e ficando sem comer propriamente por meses, finalmente consegue emagrecer. Na série, Debby Ryan faz o papel de Patty, que só consegue ser respeitada quando é magra, demonstrando uma desvalorização das pessoas gordas.

O filme *Dumplin’*, por mais que tente ao máximo sair do padrão estético preexistente onde atrizes precisam ter um corpo magro e esbelto, ainda mostra a desvalorização do corpo gordo, como comentado em:

Dumplin trouxe uma proposta diferente, mesmo tendo alguns pontos que são mais do mesmo [...] Acredito que dessa forma, as pessoas gordas se veriam e se sentiriam bem mais representadas, além de também fazer esses personagens criarem vínculo até com quem não se enquadra nesse tipo de corpo (Entrevistada Sonia Cury).

Willowdean, personagem principal do filme, cresceu com o ideal de beleza que sua mãe ditava dentro de casa, mesmo que sua tia Lucy tentasse quebrar essas

18 Matéria sobre a controvérsia do uso de *fatsuit* na série *Insatiable*. Disponível em <<https://www.indiewire.com/2018/08/insatiable-netflix-debby-ryan-fatsuit-1201996166/>> Acessado em 23/09/2020.

19 Matéria sobre a série *Insatiable* “causar” antes mesmo de sua estreia. Disponível em <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo/comedia-insatiable-da-netflix/>> Acessado em 21/10/2020.



regras com frases e palavras que a confortassem por ser gorda e aceitar seu corpo do jeito que ele fosse.

Para Willowdean, seu corpo gordo jamais poderia ser respeitado e desejado por outra pessoa, por isso quando Bo demonstra interesse amoroso, ela acredita ser uma aposta ou brincadeira, porque desde sua infância aprendeu que ser gorda não era bonito e precisava encarar as diversas dietas que sua mãe a obrigava seguir para emagrecer.

Diante disso, uma das respostas que recebemos no questionário ressalta sobre a transformação que determinado personagem precisa sofrer para ser aceito e/ou respeitado:

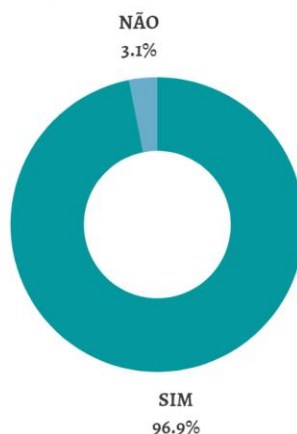
São abordadas de forma sempre como um defeito ou uma forma de superação. Coisas do tipo 'Ciclana era gorda, mas passou um tempo e voltou linda' só porque ficou magra. Parece alguém diferente do resto do mundo, quando na verdade, são pessoas. Como qualquer uma. (Entrevistada Rayssa Palloma Mendes)

O questionário recebeu o total de 32 participações, sendo que apenas 1 pessoa não achou que personagens gordos sofrem desvalorização. No entanto, esse incômodo sentido pelas duas autoras é refletido na maioria das respostas obtidas, como mostrado no gráfico abaixo. Quase cem por cento dos participantes concordam com a desvalorização que o gordo sofre nas telas, sendo estereotipado, em sua maioria, em personagens cômicos; ou ainda sobre a falta de representatividade que vimos ao longo dos anos nessas produções.



Gráfico 01: Desvalorização do corpo gordo

Você acha que personagens gordas(os) são desvalorizadas em produções?



Fonte: Elaboração das autoras

De acordo com o resultado do gráfico acima, notamos que há um desconforto com o modo que o corpo gordo é retratado nas telas, assim como já demos alguns exemplos anteriormente. No entanto, estamos analisando o filme *Dumplin'*, pois ele foge ao máximo deste padrão, uma vez que a atriz não precisou emagrecer, nem engordar para o papel.

Já mencionamos a fala de Lipovetsky sobre a beleza virar mercadoria, e para reforçar a sua afirmação, Naomi Wolf, em seu livro *O mito da beleza* (2019), complementa o pensamento pedindo para que nós imaginemos uma revista feminina que mostrasse de forma positiva os corpos reais, sem excluir nenhum formato.

Imaginem uma revista feminina que mostrasse de forma positiva modelos rechonchudas, modelos baixas, modelos velhas — ou então não mostrasse nenhuma modelo, mas mulheres de verdade. [...] Digamos que ela publicasse artigos sobre a glória da idade visível, mostrasse belos ensaios fotográficos com os corpos de mulheres de todos os formatos e proporções, examinasse com uma doce curiosidade as alterações no corpo após o parto e a amamentação, sugerisse receitas sem castigo ou culpa [...] (WOLF, 2019, p. 109)

Uma das respostas recebidas fala sobre a abordagem que o filme apresenta sobre esses corpos reais, independente de tamanho ou formato e em como a produção encarou e representou tais corpos:

O filme é interessante por tratar todos esses estereótipos de frente e dar uma boa resposta para eles. Todo corpo é bonito, e não deveria ser desvalorizado,



é uma boa mensagem que o filme passa. (Entrevistada Maria Eduarda Sena Diniz)

Em uma cena do filme onde Willowdean briga com sua melhor amiga, Elle, sobre ela não ser “feita” para a revolução, mostra justamente que o preconceito com seu corpo gordo já está enraizado na sua pessoa, uma vez que ela cresceu com os “ensinamentos” da mãe onde ser gorda, era sinônimo de ser feia. No decorrer da cena Willowdean inclusive pede que Elle desista da revolução e que se junte com as outras participantes que odeiam pessoas gordas e Elle responde que nunca pensou em Willowdean como uma pessoa gorda.

Essa declaração do filme pode ter uma resposta ambígua para espectadores, pois pessoas gordas tentam desmistificar a palavra gorda como ofensa. Segundo a modelo *Plus Size*, Fluvia Lacerda, tanto em seu livro *Gorda Não é Palavrão* (2017) como nas suas redes sociais afirma que a palavra gorda é um adjetivo, porém foram criadas conotações negativas na palavra.

Em livros, com a descrição das personagens pelos autores, usamos a nossa imaginação para idealizar tais figuras das obras de ficção e ficamos decepcionadas e/ou frustradas quando em um filme o personagem parece não ser mais o mesmo. Queremos sempre nos identificar com o que lemos, vemos e ouvimos, mas a partir desse corpo padronizado na maioria das produções cinematográficas o sentimento de desconforto é evidente e apesar de *Dumplin'* abordar de forma mais natural o corpo gordo, ainda é presente o desconforto para alguns espectadores que falaram sobre como os figurinos ainda podem ser encarados como forma de preconceito:

A gordofobia é nítida, vivemos em um mundo cheio de preconceito e no filme não foi diferente, podemos citar as roupas, nada jovem e sem recorte que valorize as curvas.(Entrevistada Karina Lasmar).

Outras produções que ganharam popularidade e trouxeram reconhecimento para fora do eixo hollywoodiano foram os filmes de *Bollywood*²⁰ e os dramas asiáticos²¹. Em plataformas como a *Netflix*, já existe a aba de categoria para

20 Indicação de filmes de Bollywood que se tornaram populares na Netflix. Disponível em <<https://www.revistabula.com/22447-10-filmes-indianos-para-ver-na-netflix-e-se-apaixonar-por-bollywood/>> Acessado em 21/10/2020.

21 Produções asiáticas originais da Netflix. Disponível em <<https://tecnoblog.net/363569/15-series-coreanas-originais-netflix/>> Acessado em 21/10/2020.



produções brasileiras, independentes, LGBTQ e estrangeiros além das já tradicionais por gênero, como romances, dramas, comédias entre outras.

No entanto, ainda que a plataforma tenha disponibilizado áreas exclusivas para produções mais inclusivas, no filme original *Netflix, Megarrromântico* (2019), a atriz Rebel Wilson, mesmo que no papel principal, volta ao estereótipo da personagem gorda, cômica e satírica. Sua personagem Natalie, sofre com bullying desde criança e só consegue que a sua vida seja “respeitada” em um sonho, após bater a cabeça e entrar em coma.

Na série *Girls*, produzida pelo canal HBO, ao longo de suas seis temporadas tentou quebrar um pouco esse padrão, pois apesar de mostrar a realidade das personagens como uma comédia, provocava discussões sobre racismo e gordofobia de forma ousada e polêmica. Em seu último episódio, onde todos esperavam um final que chamasse atenção e encerrasse os ciclos das personagens, na verdade mostra o amadurecimento das quatro amigas de forma simples, revelando o crescimento que podemos ter a partir de nossas vivências, sem que houvesse o clichê/repetição da “amiga gorda e engraçada”.

Outra participante do questionário frisou o fato de que em *Dumplin'*, mesmo que tenham cenas e situações cotidianas em outras produções, como o exemplo do parágrafo anterior, a personagem é apenas uma pessoa normal:

Pessoas gordas são pessoas, então por que não tem direito a narrativas diversas igual pessoas magras? Gordos também podem existir em filmes de ação, filmes de ficção científica, filmes de suspense e por aí vai.”
(Entrevistada Rafaella Guimarães)

Levando em conta todas essas análises, é importante ressaltar que a própria indústria produtora reconhece a perturbação que causa, em sua maioria, em adolescentes. Essa “reprovação” do corpo gordo ou “não perfeito” é apresentado em algumas produções, como no filme *Sierra Burgess is a Loser* (2018), onde fica explícito o medo da personagem principal em mostrar quem realmente é para um menino da escola, somente porque ela é gorda.



O filme produzido pela *Netflix* é apresentado como uma comédia romântica adolescente, mas não é considerado engraçado para quem enfrenta esse tipo de preconceito diariamente, no entanto, o título tem 78% de aprovação entre usuários do Google e 61% no Rotten Tomatoes²². O que muitas vezes é visto como um drama adolescente, acaba por se tornar um trauma para muitas mulheres, desencadeando até outras doenças como a depressão, ou as citadas anteriormente neste trabalho, bulimia e anorexia, principalmente com comentários sobre o peso que começam

Figura 6: Captura de tela comentário comparando representatividade entre *Sierra Burgess e Dumplin'*.



Fonte: Twitter.

dentro de casa, como mostrado na figura abaixo.

Apesar das boas avaliações do filme *Sierra Burgess is a Loser*, o que encontramos no resultado final do nosso questionário foram muitas pessoas que se incomodaram em como o corpo gordo é retratado em outras obras, diferente do nosso

²² A porcentagem de aprovação do filme, assim como os comentários dos espectadores podem ser lidos. Disponível <https://www.rottentomatoes.com/m/sierra_burgess_is_a_loser> Acessado em 12/06/2020.



Figura 7: Captura de tela de comentários sobre peso que ocorrem dentro das casas.



Fonte: Twitter.

objeto de estudo, inclusive, em uma das respostas traz exatamente esse questionamento de que em Dumplin' o corpo gordo não foi desvalorizado como em *Sierra*:

Acho que isso acontece em vários filmes, como *Sierra Burgess*. Mas em *Dumplin'*, não consegui notar esse problema. Eu gostei muito do filme. (Entrevistada Clara Costa)

Contudo, uma das participantes do questionário manifestou que mesmo com enredos parecidos, *Dumplin'* consegue quebrar padrões:

Acredito que as histórias produzidas ainda trazem o mesmo formato, por exemplo, em *Dumplin'* a personagem principal entra em um concurso de misses para quebrar padrões e até como um ato de rebeldia contra sua mãe. Na minha opinião pessoas gordas deveriam ter visibilidade e protagonismo em histórias que fugissem da 'caixinha' e que explorassem o potencial dos artistas em toda a sua magnitude. (Entrevistada Rebecca)

É importante lembrar que temos um produto cinematográfico hollywoodiano de sucesso com 85% de aprovação²³ no Rotten Tomatoes, que traz uma personagem

23 Nível de aprovação do filme *Dumplin'* no website Rotten Tomatoes. Disponível em <<https://www.rottentomatoes.com/m/dumplin>> Acessado em 03/11/2020.



principal gorda, onde a atriz não precisou passar por nenhum processo de emagrecimento, que serve de representação para muitas mulheres e adolescentes e traz a tona como o corpo gordo é enfrentado e debatido dentro de muitas famílias.

Figura 8: Captura de tela de declaração de representatividade do filme Dumplin'.



Fonte: Twitter.

Sabemos que o caminho ainda é longo, mas ver que discussões sobre corpos gordos serem corpos normais estão cada dia mais presentes no cotidiano das pessoas é um bom passo em direção a quebra dos padrões estéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dumplin' chamou a atenção das autoras deste artigo que buscaram analisar o entendimento que outras pessoas pudessem ter sobre o corpo gordo na adaptação da *Netflix*. Além de levantar discussões sobre o corpo, o filme transformou-se em uma obra que muitas pessoas conseguem se sentir representadas, pois a personagem principal foge da maioria dos padrões de filmes com protagonistas gordas. Willowdean Dickson, mesmo sendo uma personagem fictícia, sofre pressão por ser gorda em uma sociedade predominantemente magra.

As respostas obtidas no questionário servem de embasamento para o que as duas autoras debatem em constantes rodas de conversa com amigos e familiares. Como o teórico Gilles Lipovetsky afirmou na Revista FAMECOS (2000) a beleza estética transformou-se em mercadoria, mascarada com frases de "ame seu corpo" apenas para que mais produtos e procedimentos de "melhoria estética" fossem

vendidos. O corpo gordo foi deixado de lado, passou a ser invalidado e desvalorizado, como mostra o resultado da pesquisa deste trabalho, onde 96,9% das pessoas concordam com essa desvalorização em obras cinematográficas.

Apesar de o filme trazer uma nova abordagem do corpo gordo, a produção não é perfeita, pois ainda mostra situações irreais como a “revolução” e o concurso mostrado em Dumplin’, uma vez que na realidade, mulheres gordas não são incluídas em concursos de beleza como o Rainha das Rainhas e o Miss Brasil, seja por vergonha ou insegurança com o próprio corpo. Visto que mulheres gordas não tem a mesma visibilidade que mulheres magras ou ainda uma mulher gorda que emagreceu, quando falam sobre a desvalorização do corpo gordo é como se suas vozes não fossem ouvidas, ou mesmo não conseguem atingir um público maior, como o número de seguidores das influenciadoras digitais magras comparado ao número de seguidores de influenciadoras gordas. É importante destacar que não queremos corpos diferentes competindo entre si, mas é a realidade atual, por isso a necessidade de obras e adaptações que quebrem essa regra.

Esse distanciamento das mulheres gordas como visto nos concursos de beleza, é observado no mercado cinematográfico, pois ainda há a escassez de obras que apresentam personagens gordos como “pessoas normais”: trabalhando, se relacionando ou vivendo no geral. Sem o estigma de ser o personagem engraçado, o melhor amigo do personagem principal ou ainda a “cota”, como se atores gordos servissem apenas para preencher uma vaga do elenco.

Os padrões de beleza citados ao longo do trabalho são vistos em revistas, campanhas publicitárias, concursos de beleza, novelas e até mesmo em livros, mas assim como muitas outras pessoas, as autoras são consumidoras desses produtos e por muito tempo não observaram esse padrão mudar. Obras como Dumplin’ incentivam outros escritores e produtores a mudar a mentalidade sobre como corpos gordos são vistos e retratados, por isso o papel de Dumplin’ é tão importante, pois a beleza não é apenas estética.

Apesar de nós duas enfrentarmos diariamente os preconceitos, comentários maldosos e a cotidiana batalha de aceitação dos nossos corpos, a discussão sobre o tema é presente em diversos outros lares. O trabalho nos mostrou que a polêmica



sobre o corpo gordo avançou e segue avançando, mas ainda precisamos falar mais sobre o assunto até que ele deixe de ser um tabu nas rodas de conversa e também em produtos midiáticos, pois é onde muitas crianças, adolescentes e mulheres buscam se inspirar. A partir do estudado aqui o esperado é que seja cada dia mais fácil que pessoas gordas aprovelem seus corpos sem preconceitos, que tenham visibilidade e representatividade nos diversos tipos de mídias, que não sejam mais tachados como ofensa e sejam vistos como apenas corpos.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX**. Movimento. Volume 9. Porto Alegre, 2003.

BARBOSA, M. R; MATOS, P. M. & COSTA, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. Florianópolis: Psicologia & Sociedade, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004. Acesso em 22 de abril de 2020.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 7ª edição, 2000.

CAMPBELL, Colin. **Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno**. Rio de Janeiro-RJ: Cultura, consumo e identidade. 1ª edição. FGV, 2006.

COLLING, Ana Maria. **A construção histórica do corpo feminino**. Uberlândia-MG: Caderno Espaço Feminino, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/34170/18208>. Acesso em 8 de maio de 2020.

DEPRESSÃO: causas, sintomas físicos, tratamentos e prevenção. **Virtude Blog**, 11 de nov. de 2016. Disponível em <https://www.virtude.com/blog/depressao/>. Acesso em 15 de junho de 2020.

FREITAS , Neli Klix. **Representação, Simulação, Simulacro e Imagem na Sociedade Contemporânea** In: revista eletrônica Polêm!ca, v. 12, n.2, 2013

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª edição. Aleph, 2009.

J. K. Rowling aprova Hermione negra em peça de teatro de 'Harry Potter'. **G1**, 21 de dez. de 2015. Pop & Arte. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/12/jk-rowling-aprova-hermione-negra-em-peca-de-teatro-de-harry-potter.html>. Acesso em 13 de abril de 2020.

LACERDA, Fluvia. **Gorda não é palavrão: Como ser feliz gostando do seu corpo como ele é**. 1ª Edição. Editora Paralela, 2017

LEÃO, Lúcia; LOPES, Vanessa. **Consumo e arte na era transestética: um estudo sobre as poéticas transmidiáticas de Rafael Rozendaal**. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT06 Comunicação, Consumo e Subjetividade do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018

LIPOVETSKY, Gilles. **Sedução, publicidade e pós-modernidade**. Revista FAMECOS nº12. Porto Alegre, 2000.



LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. O fantasma da beleza feminina. Entrevista com Gilles Lipovetsky. [entrevista concedida a] Moisés Sbardelotto. **Revista IHU On-Line** Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511501-o-fantasma-da-beleza-feminina-entrevista-com-gilles-lipovetsky>. Acesso em 28 de setembro de 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista**. 1ª edição. Companhia das Letras, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. “Bem estar é o novo luxo”, afirma filósofo francês Gilles Lipovetsky. Folha de São Paulo. [entrevista concedida a] Izabela Moi. **Equilíbrio e saúde**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/805866-bem-estar-e-o-novo-luxo-afirma-filosofo-frances-gilles-lipovetsky.shtml>

MONTEIRO, Ana Flavia; VAZ, Melissa. Lily Collins emagrece para viver anoréxica e recebe elogios. **M de mulher**. Famosos e TV. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/lily-collins-emagrece-para-viver-anorexica-e-recebe-elogios/>. Acesso em 22 de abril de 2020.

SENA, Arcangela. **Teorias da comunicação**. 1ª Edição. SESES, 2017

SIERRA Burgess Is A Loser: Critics Consensus. Rotten Tomatoes. Disponível em https://www.rottentomatoes.com/m/sierra_burgess_is_a_loser. Acesso em 12 de junho de 2020.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. 6ª edição. Rosa dos tempos, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 2ª edição. Bookman, 2001.

